

## **Berta Gleizer Ribeiro e as artes das vidas amazônicas**

Lúcia Hussak van VELTHEM, Bianca Luíza FREIRE DE CASTRO FRANÇA  
e José Ribamar BESSA FREIRE \*

O presente artigo homenageia Berta Ribeiro, próximo do centenário de seu nascimento, em 2024. O texto não apresenta uma análise aprofundada de sua contribuição para a etnologia de diferentes povos indígenas brasileiros em face das limitações impostas por um artigo de periódico. Constitui, antes, uma celebração de Berta Ribeiro e de sua obra que contribuíram para a consolidação da antropologia brasileira e da América-Latina. As reflexões que seguem enfocam as abordagens às quais a antropóloga dedicou especial atenção, como as que se conectam aos estudos de objetos de uso cotidiano, às estéticas amazônicas, à mitologia de povos indígenas do Alto Rio Negro e, ainda, às questões ecológicas. O trabalho de Berta Ribeiro propicia fecundas conexões e diálogos com a antropologia contemporânea, oferecendo reflexões e práticas inspiradoras que nos alcançam no presente. [Palavras-chave: Berta Gleizer Ribeiro, Alto Rio Negro, etnologia brasileira, cultura material, arte indígena, Amazônia.]

*Berta Gleizer Ribeiro et les arts de la vie amazonienne.* Cet article rend hommage à Berta Ribeiro, à l'approche du centenaire de sa naissance, en 2024. Le texte ne présente pas une analyse approfondie de sa contribution à l'ethnologie des peuples amérindiens du Brésil, compte tenu des limites imposées par un article de journal. Il constitue plutôt une célébration de Berta Ribeiro et de son travail qui a contribué à la consolidation de l'anthropologie brésilienne et latino-américaine. Les réflexions qui suivent portent sur les approches auxquelles cette anthropologue a porté une attention particulière, comme celles liées à l'étude des objets du quotidien, à l'esthétique amazonienne, à la mythologie des Amérindiens du haut Rio Negro, mais aussi aux enjeux écologiques. Par ses réflexions et des pratiques qui constituent encore aujourd'hui une source d'inspiration, le travail de Berta Ribeiro

\* L. Hussak van VELTHEM: Antropóloga, professora do Programa de Pós-graduação em Diversidade Sociocultural, curadora da Coleção Etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi – MCTI [luciavelthem@museu-goeldi.br]; B. L. FREIRE DE CASTRO FRANÇA: Historiadora, doutoranda do Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas (PPHBC/FGV) [bianca.castro\_franca@gmail.com]; J. Ribamar BESSA FREIRE: Antropólogo, professor do Programa de Pós-graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) [josebessafreire@gmail.com].

offre des connexions et des dialogues fructueux avec l'anthropologie contemporaine. [Mots-clés : Berta Gleizer Ribeiro, haut Rio Negro, ethnologie brésilienne, culture matérielle, art amérindien, Amazonie.]

*Berta Gleizer Ribeiro and the Amazonian arts of life.* This article honors Berta Ribeiro, close to the centenary of her birth, in 2024. The text does not present an in-depth analysis of her contribution to the ethnology of different Brazilian indigenous peoples, given the limitations imposed by a journal article. Rather, it constitutes a celebration of Berta Ribeiro and her work, which contributed to the consolidation of Brazilian and Latin American anthropology. The reflections that follow focus on the approaches to which the anthropologist paid special attention, such as those connected to the study of everyday objects, to Amazonian aesthetics, to the mythology of the indigenous peoples of the upper Rio Negro, and also to ecological issues. Berta Ribeiro's work provides fruitful connections and dialogues with contemporary anthropology, offering inspiring reflections and practices that reach us in the present. [Keyword: Berta Gleizer Ribeiro, upper Rio Negro, Brazilian ethnology, material culture, indigenous art, Amazonia.]

Romena de nascença, brasileira e mineira de coração, Berta Gleizer Ribeiro é lembrada como uma pessoa afável, generosa e como uma antropóloga, pesquisadora, escritora e desbravadora incansável. Sua vida e seu trabalho foram marcados pela militância, exercida em muitas frentes e abraçando causas políticas, patrimoniais, ecológicas, conectadas com as populações tradicionais amazônicas, tendo sido, em especial, uma militante apaixonada pela causa indígena.

Berta Ribeiro trilhou diferentes caminhos que a conduziram a novas abordagens acerca dos conhecimentos indígenas, pois tinha interesse pela antropologia, a museologia, a arqueologia, a etnobiologia e a história. Não se deixou impressionar pelos modismos e viradas teórico-metodológicas da antropologia brasileira ao longo do século xx. Contudo, estando sempre atenta, constatou as mudanças que ocorreram na ciência antropológica nas décadas de 1960 e 1970, com a chegada de temas como parentesco, cosmologia, sistemas classificatórios, construção da pessoa e estruturas sociais.

Berta Ribeiro investiu profundamente no campo antropológico através de detalhadas pesquisas sobre a arte, a materialidade, as técnicas e a tecnologia, e os saberes dos povos indígenas brasileiros. Era consciente da importância e do alcance de seus estudos e registros, procurando manter sempre acesa a chama de seu interesse por esses temas. A este respeito, a produção de livros, artigos e as intervenções e as exposições a que se dedicou, somadas aos acervos de objetos que coletou e doou a diferentes museus brasileiros, formam um precioso legado para a antropologia e a museologia brasileira.

Esposa de Darcy Ribeiro e seu paciente braço operacional durante o exílio, ao qual foram submetidos na Ditadura Civil-Militar brasileira, Berta destaca, no prefácio do livro *Os índios das águas pretas* (1995), a estreita cooperação



Fig. 1 – Berta Ribeiro e os Kadiwéu, Mato Grosso, 1948  
(foto de Serviço de Proteção aos Índios [SPI], acervo do Museu do Índio, Funai)

que unia o casal: “aprendi antropologia – além da formação universitária – com Darcy Ribeiro na viagem de oito meses, em 1948, aos Kadiwéu e por ter datilografado os seus manuscritos de 1948 a 1974”.

O presente artigo busca homenagear Berta Ribeiro, próximo ao centenário de seu nascimento, o que ocorrerá em 2024. Não é um balanço, nem uma análise aprofundada de sua produção intelectual. É, antes, uma celebração de sua pessoa e de sua obra que contribuíram, efetivamente, para a consolidação da antropologia brasileira e da América Latina. Ao longo de décadas, Berta se dedicou especialmente aos povos indígenas, aos seus conhecimentos e saberes, aos seus modos de vida, e à aplicação social de suas tecnologias na preservação do meio ambiente. Nós nos referimos agora à imensa dívida do Brasil para com os povos indígenas e que também se conecta à Berta Ribeiro e ao seu legado.

### Trajetória de vida

Bertha Gleizer nasceu em uma família judia, em Beltz, então na Romênia (hoje Bălți, na Moldávia), em 2 de outubro de 1924<sup>1</sup>. Era filha de Motel e Rosa

1. A trajetória pessoal e profissional de Berta Ribeiro foi enfocada de múltiplas formas. Assim, temos o artigo jornalístico de Bessa Freire (1997), os memoriais de Velthem (1998a e b) e Gonçalves (2000). Biografias recentes remetem a Viana (2009), que apresenta uma exaustiva cronologia e biografia, e a Callado (2016), que oferece suas reminiscências. A dissertação de mestrado de Botelho (2005) fornece um panorama sócio-histórico da sua formação antropológica e de suas contribuições acadêmicas. O presente artigo se apoiou grandemente nessas referências.

Gleizer e irmã caçula de Genny Gleizer. Fugindo da perseguição antissemita na Europa, Motel vai se estabelecer no Brasil em 1929, como comerciante no Rio de Janeiro. Após a morte da mãe, Genny e Bertha chegam ao Brasil no ano de 1932 e passam a residir junto com o pai perto da Praça XI. Em julho de 1935, aos 17 anos, Genny Gleizer é presa em São Paulo – para onde se mudara a trabalho – acusada de participar da organização do Congresso da Juventude Comunista. Em outubro do mesmo ano é banida do Brasil pelo governo de Getúlio Vargas, o que provocou intensa mobilização pública. Genny é enviada de navio de volta para a Romênia, mas consegue escapar de ser conduzida a um campo de concentração, pois membros do Partido Comunista francês a resgatam em Paris. Genny só vai reencontrar Bertha anos mais tarde. Em 1936, Motel Gleizer também é expulso e banido do Brasil, vindo a falecer na França para onde tinha ido à procura da filha Genny.

Ainda muito jovem, Bertha Gleizer fica sozinha no Rio de Janeiro, morando com famílias judias da Praça XI e sob a tutela do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Tempos depois é levada para São Paulo para morar com a família Fridman, quando passa a estudar na Escola do Comércio Álvares Penteado. Em 1940 consegue um emprego de datilógrafa e decide viver por conta própria e, assim, se transfere para um quarto de pensão. Nessa ocasião, suprime a letra “h” de seu prenome (Viana 2009, p. 11).

Em São Paulo, durante um comício do Partido Comunista, ocorrido em 1946, Berta conhece um jovem estudante de sociologia, Darcy Ribeiro. Em seu livro póstumo, *Confissões* (2012), Darcy relata esse encontro: “Conheci Berta num comício, quando pedi um cigarro a um companheiro que sustentava a outra vara da faixa que abríamos. Ela veio trazer. Nunca mais me deixou” (Ribeiro D. 2012, p. 122). O Partido Comunista vai interferir nesse namoro, chegando a enviar Berta para o Rio de Janeiro para trabalhar no Comitê Central e, posteriormente, para Nova York. Contudo, ao voltar dos EUA, Berta vai direto ao encontro de Darcy, na ocasião em trabalho de campo no Mato Grosso. Casam-se em 1948 e, desta forma, passa a assinar-se Berta Gleizer Ribeiro e, nas futuras publicações, como Berta G. Ribeiro.

No mesmo ano do casamento acompanha o marido em pesquisa de campo entre os Kadiwéu, no pantanal matogrossense, quando tem início a sua carreira de pesquisadora. Nessa estadia de campo, Heinz Foerthmann faz as fotos emblemáticas de Berta ostentando pinturas faciais kadiwéu. E, certamente, nesse período, Berta auxilia Darcy na redação de ensaios etnológicos sobre mitologia, religião e a arte desse povo indígena e que foram publicados em diferentes edições, a primeira de 1950, sob o título *Religião e mitologia Kadiwéu* (Ribeiro D. 1950).

Entre 1948 e 1951 o casal empreende constantes viagens. Estiveram entre os Kaingang no sul do Brasil; entre os Kadiwéu e os Terena no Mato Grosso; entre os Ka’apor no Maranhão e, também, entre os Yawalapiti, os Kayabi, os Juruna; os Araweté e os Asurini, no Alto e Médio Rio Xingu. As experiências

entre os povos indígenas xinguanos são relatadas no livro *Diário do Xingu* (Ribeiro 1979), no qual Berta esboça um quadro de impressões e reflexões, o que, em suas palavras, significava “oferecer informações precisas, filtradas pelo meu modo de vê-las e senti-las” (ibid., p. 12).

Em 1953, a jovem pesquisadora, mas com ampla experiência em antropologia, torna-se estagiária no Setor de Etnologia e Etnografia do Departamento de Antropologia do Museu Nacional e, no ano seguinte, conclui o bacharelado em Geografia e História na Universidade do Estado da Guanabara, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Nesse período, Berta volta-se para o estudo da cultura material dos povos indígenas brasileiros e para o tratamento e a conservação de acervos museográficos, associação que vai constituir o principal caminho que percorrerá ao longo da vida.

A partir de seus estudos com coleções, elabora em 1957 um primeiro trabalho sobre esta temática: *Bases para uma classificação dos adornos plumários dos índios do Brasil*. Nesse mesmo ano, Berta e Darcy Ribeiro publicam *Arte plumária dos índios Kaapor* (Ribeiro D. e B. G. 1957). Ilustrado com pranchas de Georgette Dumas, o livro traz um estudo aprofundado sobre a plumária desse povo indígena do Maranhão. Um ano depois, em 1958, o casal se transfere para Brasília, o que vai interromper os trabalhos de Berta no Museu Nacional. Nessa cidade vão colaborar com o antropólogo Eduardo Galvão no planejamento e na implantação do Departamento de Antropologia na Universidade de Brasília (UnB).

O golpe militar que instaura a ditadura no Brasil, em 1964, conduz Darcy e Berta para o exílio no Uruguai e, posteriormente, para Venezuela, Chile e Peru. No primeiro destes países, segundo relatado em *Confissões* (Ribeiro D. 2012), Berta trabalha de modo contínuo na organização da documentação de Darcy, que se dedica, nesse período, à elaboração do conceito de transfiguração étnica que é apresentado no livro *Os índios e a civilização* (Ribeiro D. 1970).



Fig. 2 – Berta Ribeiro,  
Pesquisa de campo, s/d

(foto de Serviço de Proteção aos Índios [SPI], acervo da Fundação Darcy Ribeiro)

Regressam definitivamente ao Brasil em 1974 e, nesse mesmo ano, Berta e Darcy se separam. Entretanto, continuam trabalhando em parceria até o final de suas vidas em várias coproduções. Um importante exemplo são os três volumes da *Suma etnológica brasileira*, que representa a edição atualizada dos volumes IV e V do *Handbook of South American Indians* (Steward 1948, 1949). Publicada em 1986, pela Editora Vozes, a coletânea tem Darcy como editor e Berta como a coordenadora dos volumes relativos à Etnobiologia, à Tecnologia Indígena e à Arte Índia, os quais congregam artigos de inúmeros colaboradores (Ribeiro D. 1986a, 1986b e 1986c).

Em 1980, Berta Ribeiro obtém o título de doutora em Antropologia Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), com a tese *A civilização da palha: a arte dos trançados dos índios do Brasil*, sob a orientação de Amadeu Lanna. Sua tese representa um dos mais completos e complexos estudos comparativos dos trançados indígenas do Alto Rio Xingu e Alto Rio Negro e se constitui em fonte imprescindível para outros livros e artigos.

Nessa mesma década, Berta presta concurso e se torna professora adjunta da Escola de Belas Artes da Universidade do Rio de Janeiro. Ministra as disciplinas “Arte indígena no Brasil” e “Cultura material e arte étnica”, no programa de Pós-Graduação em Antropologia da Arte. Orienta alunos no campo relativo à sua especialidade, nos quais procurou incutir o entusiasmo pelos estudos de cultura material.

O retorno ao Museu Nacional e ao Setor de Etnologia e Etnografia ocorreu em 1977. Berta Ribeiro se torna então pesquisadora do projeto “Etnografia e emprego social da tecnologia indígena e popular”, coordenado por Maria Heloisa Fénelon Costa. Destaca-se, nesse período, por seu crescente interesse pela cultura material dos povos indígenas, a partir de diferentes pontos de vista: tecnológico, classificatório, funcional e artístico. Nesse setor participou igualmente do subprojeto “Corpus etnográfico do Alto Xingu”, que integrava um programa mais amplo de pesquisas etnográficas entre populações indígenas e regionais. No mencionado subprojeto, realizou levantamentos na Reserva Técnica do Setor de Etnologia, organizou fichários e a documentação relativa aos povos indígenas do Xingu. Segundo indica Fátima Nascimento (2009), as preocupações de Berta Ribeiro se voltavam para os aspectos tecnológicos do estudo da cultura material e suas posteriores imbricações ecológicas.

A constituição de coleções de artefatos, relacionados aos indígenas que estudava, representava um dos focos de interesse de Berta Ribeiro, atividade que era associada à identificação e ao registro minucioso dos componentes. Assim sendo, os seus projetos de pesquisa, relativos ao Alto Rio Negro e ao Alto Xingu, ambos de 1979, resultaram em acervos destinados ao Museu Nacional. Outras coleções foram organizadas em 1981, entre os Araweté do Pará e entre os Asurini do Xingu. A primeira foi destinada ao Museu do Índio, no Rio

de Janeiro, e a segunda, doada ao Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém. No campo dos levantamentos de coleções musealizadas, Berta participou do “Inventário do acervo etnográfico brasileiro existente na Itália” do Museo Preistorico Etnográfico L. Pigorini, de Roma. O catálogo, *A Itália e o Brasil indígena* (1983) que acompanhou a exposição *Índios del Brasile* constituiu um projeto de sua responsabilidade, provido de rica documentação iconográfica e de textos explicativos.

As extensivas pesquisas que Berta realizou no Alto Rio Negro entre os povos falantes de língua tukano integraram sua tese de doutorado e resultaram em numerosos artigos sobre a cultura material e a mitologia dos Desana. Organizou e prefaciou um livro, escrito e assinado por dois conhecedores deste povo indígena (Pãrökumu e Kënhiri 1980). Dedicou-se à exposição “Os índios das águas pretas”, montada no Rio de Janeiro em 1980, apresentando aspectos da vida indígena e discutindo temas amazônicos, relacionados a uma preocupação ecológica. Estão ainda presentes em seu último livro, de título similar, *Os índios das águas pretas. Modo de produção e equipamento produtivo* (1995).

Berta Ribeiro esteve ligada ao Museu do Índio-Funai como servidora, chefiando o Serviço de Museologia entre os anos 1985 e 1986, quando Carlos Moreira Neto era o diretor. Ao findar essa gestão, afastou-se da chefia, porém continuou como antropóloga e pesquisadora da instituição, trabalhando na redação do que se tornaria uma obra de referência: o *Dicionário do artesanato indígena* (1988). Para a sua concretização, Berta realizou um extenso levantamento de objetos de coleções e de fichas catalográficas do Museu Nacional e de outros museus. Os verbetes do dicionário foram confeccionados a partir desse levantamento e ilustrados pelo arquiteto Hamilton Botelho Malhano. Uma das reservas técnicas do Museu do Índio recebeu, no ano de 2002, o nome de Berta G. Ribeiro em sua homenagem.

Ao ser admitida por concurso, em 1988, no Museu Nacional, Berta desliga-se do Museu do Índio. Torna-se professora assistente do Departamento de Antropologia e, posteriormente, efetiva-se como professora adjunta do Museu Nacional. Conectada ao valioso acervo desta instituição, atua contribuindo com novas coleções etnográficas, que lamentavelmente desapareceram no incêndio ocorrido em setembro de 2018.

O período compreendido entre 1988 e 1995 se caracterizou como extremamente fecundo para Berta Ribeiro. A vasta produção intelectual e bibliográfica foi acrescida de trabalhos curatoriais e, assim, organizou exposições no Brasil e no exterior, entre as quais *Brasildades*, em 1991, apresentada na Casa França-Brasil, no Rio de Janeiro, e a complexa mostra *Amazônia Urgente – Cinco séculos de história e ecologia*, organizada em 1992 e instalada no Rio de Janeiro e, posteriormente, em São Paulo e em Belém. Acompanhada de um livro de mesmo título, publicado em 1990, esta exposição – como assinala a introdução – tinha como objetivo “contribuir para uma consciência ecológica que milite em favor

da defesa dos ecossistemas e das populações amazônicas”. Dois anos antes da Cúpula da Terra no Rio de Janeiro, a exposição tratou de pautas ecológicas, sociais e políticas que foram percebidas e assinaladas, de forma pioneira, por Berta, mas que permanecem até os dias de hoje com as invasões das terras indígenas, o desmatamento e as queimadas, o garimpo ilegal e outros ilícitos que afligem a Amazônia na contemporaneidade.

Além das publicações e exposições, Berta participa ativamente da idealização do projeto de criação do Museu do Índio de Brasília, em parceria com o arquiteto Oscar Niemeyer. A implantação deste museu objetivava “resgatar e divulgar as tradições culturais do primitivo habitante do Brasil, uma das matrizes básicas da nacionalidade” (Ribeiro 1986e, p. 1), como as propostas para o plano diretor destacam. Para viabilizar o acervo deste museu, Berta Ribeiro armazenou, em seu apartamento em Copacabana, um vasto conjunto de artefatos etnográficos, reunido ao longo dos anos e ampliado com as contribuições de Darcy Ribeiro e Eduardo Galvão. Este acervo encontra-se no Memorial dos Povos Indígenas, denominação atual do Museu do Índio de Brasília (Ribeiro 2007).

O apartamento do Edifício Maíra, na rua Souza Lima, era mais do que o local de moradia de Berta Ribeiro. Sentada em frente à sua máquina de escrever, redigia artigos, livros, mas também cartas e cartões-postais, destinados aos amigos e interlocutores. Berta era exímia datilógrafa e uma trabalhadora incansável. Recebia alunos, orientandos, amigos e colegas de ofício em uma ampla sala onde, em harmonia perfeita, José Pancetti – autor de seu icônico retrato – Antonio Peticov e Augusto Rodrigues dialogavam com santos bar-



Fig. 3 – Berta Ribeiro, Escritório, Rio de Janeiro, s/d  
(foto do acervo pessoal de Berta e Darcy Ribeiro, acervo da Fundação Darcy Ribeiro)

rocos, porcelanas da Companhia das Índias, ex-votos, bordados chineses, bancos xinguanos, cestos kayabi, cerâmicas jurunas, pinturas shipibo e livros, muitos livros que refletiam aquisições, intercâmbios e a produção de uma vida devotada ao estudo das culturas indígenas.

Berta Ribeiro teve uma vida marcada por sua dedicação à antropologia e aos povos indígenas, com uma produção invejável e um legado importante para a etnologia brasileira. Em 17 de novembro 1997 falece, após longa enfermidade.



## Reflexões possíveis: as artes da vida e as artes indígenas

Refletir sobre a trajetória acadêmica de Berta Ribeiro compreende o pensar sobre um aspecto pouco reconhecido na história intelectual latino-americana: a participação das mulheres na construção das ciências sociais. Como indica Mariza Corrêa (2003), as trajetórias de mulheres cientistas são por vezes negligenciadas na historiografia das ciências, contudo, o estudo de seus percursos demonstra importantes formas pelas quais as disciplinas e as instituições científicas se desenvolveram. Nesse sentido, cumpre destacar a posição visionária e pioneira das contribuições de Berta, embasadas que foram no extremo rigor de suas etnografias.

Analisar em profundidade a contribuição de Berta Ribeiro a respeito da etnologia de diferentes povos originários do Maranhão, Pará, Mato Grosso e Amazonas constitui uma tarefa fadada ao fracasso, em face das limitações impostas a um artigo de um periódico. Portanto, as notas e as reflexões que seguem destacam os enfoques aos quais a antropóloga dedicou uma atenção especial, mas nada será aprofundado. Um desses campos se conecta com os estudos dos objetos de uso cotidiano; outro, às estéticas amazônicas que, em suas palavras, abrangeriam “os aspectos simbólicos da cultura material” (Ribeiro 1986a, p. 23). No campo da materialidade, os elementos centrais dos interesses e das pesquisas da antropóloga foram a plumária, os trançados e a cerâmica, como uma consulta à sua bibliografia permite detectar. Finalizando esse apanhado geral, breves notas serão consagradas aos povos indígenas do Alto Rio Negro.

Ao se considerar a contribuição de Berta Ribeiro para os estudos de tecnologia indígena, as “artes da vida” como destacou – citando Lewis Morgan – no volume 3 da *Suma etnológica brasileira* (1986b) fica evidente o seu empenho em distinguir a etnia à qual correspondia cada artefato, assim como certo artefato era confeccionado e significado. Este seria o motivo porque, durante o trabalho de campo, anotava minuciosamente tudo o que percebia, por mais insignificante que aquele elemento parecesse ser. Ao mesmo tempo, procurou organizar seus dados de maneira a oferecer informações precisas, filtradas pelo seu próprio modo de vê-las e senti-las, como enfatiza Emília Ulhoa Botelho (2005).

O interesse de Berta pela antropologia esteve conectado, desde o início, com trabalhos de referência que tivessem uma aplicação prática, e que pudessem constituir “ferramentas”, como indica no prefácio do volume 2 da *Suma etnológica*. A primeira publicação com este intuito é “Bases para uma classificação dos adornos plumários dos índios do Brasil” (1957), um estudo museológico e bibliográfico. O alentado artigo propõe uma classificação de procedimentos técnicos relativos à plumária, enfocando também o conteúdo estético e funcional desses adornos na vida de povos indígenas amazônicos.

O *Dicionário do artesanato indígena* (1988) se destaca como uma das mais significativas contribuições de Berta Ribeiro para os estudos de cultura material

e tecnologias ameríndias. Trata-se de uma obra basilar, uma ferramenta classificatória que, ainda não suplantada, permite identificar e documentar objetos materiais, assim como padronizar as nomenclaturas nos inventários dos acervos dos museus etnográficos no Brasil. Na apresentação da obra, Thekla Hartman (1988) pontua que a autora fabricou “uma terminologia para racionalizar o trato com o objeto. Seu esquema abre discussões e oferece uma proposta orgânica para designar, classificar e comparar objetos”. A própria autora descreveu os objetivos no prefácio, assinalando que “a presente nomenclatura das coleções etnográficas tem por objetivo normalizar a terminologia dos produtos da cultura material indígena recolhidos a museus, prestando-se também para recuperar informação de material da cultura rústica brasileira”.

As referências mencionadas permitem enfatizar a importância que Berta Ribeiro concedia aos estudos de acervos musealizados, julgando, acertadamente, que a sua catalogação permitiria oferecer instrumentos de preservação e atrair estudiosos de coleções e, ainda, indígenas. Estes, segundo menciona no prefácio do *Dicionário do artesanato indígena*, “encontrarão num acervo museológico recuperado os documentos vivos das manifestações materiais de sua cultura”. Esta perspectiva já antevia o atual engajamento de técnicos de museus e pessoas indígenas em experiências de museologia compartilhada ou colaborativa. Trata-se da documentação de coleções etnográficas, executada pelos próprios povos indígenas, o que permite reforçar o seu protagonismo e amplia e aprofunda o diálogo intercultural (Velthem, Kukawka e Joanny 2017).

Na introdução de sua tese de doutorado, intitulada *A civilização da palha. A arte dos trançados dos índios do Brasil* (1980), Berta enfatiza, pela primeira vez, o fato de que os objetos compreendem as “artes da vida” dos povos indígenas, pois incluem criações culturais de domínio técnico da natureza que vão tornar possível a vida social. A autora destaca que é legítimo falar das culturas indígenas enquanto “civilizações vegetais”, aspecto que, como indica, seria percebido não apenas na produção de artefatos, mas também na preparação de alimentos.

A tese de doutorado mencionada vai embasar o livro *A arte do trançado dos índios do Brasil* (1985), que constitui uma reelaboração dos três primeiros capítulos, referentes à tecnologia, à ergologia e aos desenhos do trançado. Esta tese representa, da mesma forma, o substrato de artigos e glossários que Berta Ribeiro publica no volume 2 da *Suma etnológica brasileira* (1986c) e na coletânea *Karl von den Steinen. Um século de antropologia no Xingu* (Coelho 1993). Um dos volumes da *Suma etnológica*, intitulado “Tecnologia indígena”, é voltado, de modo especial, para os conhecimentos indígenas referentes à atividade artesanal, à tecnologia e aos artefatos, associados às suas dimensões socioculturais. É justamente no prefácio que a autora indica que o livro se propõe a ser uma “ferramenta”, a saber, um “guia prático para orientar e incentivar pesquisas de campo devotadas ao estudo da cultura material

bem como à classificação, catalogação e análise de coleções museológicas”. Conclui indicando que “impõe-se a contextualização do artefato na cultura que o produziu, a par do estudo detalhado de seus componentes físicos e da tecnologia que os informa”.

Os artigos específicos de Berta Ribeiro no volume 2 enfocam os trançados e os tecidos e são acompanhados de glossários técnicos. Estas categorias artesanais integram saberes que a autora considera como básicos, e em relação aos trançados, procura demonstrar que existe uma correlação entre os estilos desta categoria e os modos de vida indígena. O artigo “A arte de trançar: dois macroestilos, dois modos de vida”, incluído neste volume, destaca que os trançados podem ser caracterizados por estilos dominantes em função da matéria-prima empregada: a palha e a tala.

Diferentes trabalhos de Berta Ribeiro valorizaram a tecnologia produtiva sob outros ângulos, a saber, como forma de adaptação ecológica, coesão social e sustentação identitária. Isto é possível de ser constatado no texto “Artesanato indígena: para que e para quem?” que integra o livro *O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea* (1983b). Assim, ao abordar a produção mercantil do artesanato indígena, a autora afirma que a introdução do uso de materiais heteróclitos, como miçangas, anilinas e fios industriais para a confecção de objetos religiosos e cerimoniais, destinados à venda, desmistifica o código simbólico e a cosmovisão a eles associados. Apesar desse efeito conflitante, Berta salienta que a destinação mercantil propiciou a manutenção de artefatos, como reforço de identidade étnica de diversos povos indígenas.

Berta Ribeiro tinha especial apreço pelo “sabor do saber indígena”, como é indicado no posfácio de *Os índios das águas pretas* (1995). A isto conjugava a sua habilidade em um trabalho que pudesse reunir diferentes sujeitos de conhecimento, indígenas e antropólogos. O interesse pelos saberes indígenas sobre a natureza se conectava, em especial, com os da “humanização da natureza”, revelada nas práticas e nas cosmologias, aspecto que Berta identificou como próprio do *Homo ludens* (o homem lúdico). Enfatiza que os saberes indígenas englobam também os gestos complexos do trabalho artesanal, os objetos constituindo elementos tecnológicos, produzidos pelo *Homo faber* (o homem artesão). Essas considerações são apresentadas em “O índio brasileiro: Homo faber, Homo ludens”, que integra o catálogo *A Itália e o Brasil indígena* (1983c).

As artes indígenas representaram um interesse duradouro na trajetória de Berta e também na de Darcy Ribeiro. Testemunho dessa colaboração é um livro pioneiro no assunto: *Arte plumária dos índios Kaapor* (Ribeiro D. e B. G. 1957), mas que não constitui a única referência a respeito deste tema. Na impossibilidade de apresentar todos os escritos de Berta sobre esta temática, serão destacados dois deles, o texto “A linguagem simbólica da cultura material” (1987) e o livro *Arte indígena, linguagem visual* (1989a).

A primeira das duas referências constitui a alentada introdução ao volume 3 da *Suma etnológica brasileira* (1986d). Este livro contém outros escritos assinados por Berta Ribeiro, um deles retoma a classificação dos adornos plumários e o outro aborda o sistema gráfico dos Kayabi. É enfatizado na apresentação que o volume 3 “condensa estudos recentes sobre formas de expressão estética do índio brasileiro”. Assim, ao longo das páginas são enfocadas diferentes categorias, na época percebidas como as que expressavam uma maior carga simbólica e estética: pintura corporal, adornos plumários, máscaras e objetos rituais, tais como instrumentos musicais e, sobretudo, os grafismos ou “desenhos semânticos”.

No texto introdutório, a autora destaca que seu objetivo é averiguar os recursos de novas teorias e métodos para a “análise da produção artesanal para fins outros que não os da subsistência”. Segundo o ponto de vista de Berta, o foco da análise não seria a valorização das dimensões estéticas ou a sua descrição formal, mas as relações entre expressão (formal) e conteúdo (significado), pois estas remetem a outros referentes, tais como a organização social, a mitologia, os papéis rituais que podem ser interpretados segundo o contexto cultural em que se inserem. A consideração das relações que envolvem os objetos, como proposto pela autora, constitui um enfoque que permanece válido e valorizado nos estudos contemporâneos da antropologia da materialidade. Na atualidade, este tema é compreendido de forma expandida, pois abrange um universo relacional muito mais amplo e variado, como evidenciado pela chamada “virada ontológica” (Lagrou e Velthem 2018, p. 135).

Berta Ribeiro, ao longo deste texto introdutório, estabelece um diálogo com a arqueologia, com a linguística, com a semiótica, com o estruturalismo, através de autores consagrados nestas áreas. Assim, explicita conceitos básicos e esquemas teóricos de pesquisas sobre artefatos não utilitários e enfatiza a importância do sistema de significação, do signo. Observa, desta forma, que signo remete a uma relação e tem um sentido abrangente, de comunicação social de um conhecimento, de ideias que podem influenciar quem o recebe. Destaca ainda que o “estudo do signo na arte contribui para um campo mais amplo que passou a se chamar linguagem visual”. Segundo afirma, essa linguagem é particularmente conectada com os sistemas gráficos, que constituiriam mecanismos de ordenação e de comunicação de experiências, culturalmente determinadas.

A concepção da arte dos povos indígenas enquanto uma “linguagem visual” permeia as abordagens de Berta Ribeiro, como é evidenciado, entre outros, na edição bilingue, português/inglês, do livro *Arte indígena, linguagem visual* (1989a). Em sua apresentação é destacado que o objeto de arte se confunde com o utilitário, pois a arte impregnaria todas as esferas da vida do indígena brasileiro, refletindo um “desejo de fruição estética e de comunicação de uma linguagem visual”. Como ocorre com outros livros de sua autoria, este livro representa a fusão de dois artigos publicados, um deles de mesmo título, datado de 1979,

e outro identificado como “O índio brasileiro: Homo faber, Homo ludens” (1983c), aos quais foram acrescentadas reflexões contidas em outros trabalhos.

Quando de sua publicação, o livro acima referido preencheu um campo pouco explorado pela etnologia indígena ao se voltar, como indicado no prefácio, para a “análise da cultura material dos índios do Brasil de um ponto de vista estético, ou de documentos etnográficos com conteúdo artístico, relacionados ao plano mítico e à estrutura social”. A antropóloga assinala, assim, que a casa, a conformação da aldeia, os meios de transporte, os utensílios e os objetos de uso cotidiano e, sobretudo, os de cunho ritual “estão embebidos de uma vontade de beleza e de expressão simbólica”, como Darcy Ribeiro (Ribeiro D. 1986c, p. 29) havia indicado anteriormente.

É sob a ótica que considera as manifestações estéticas indígenas como um sistema de comunicação que Berta Ribeiro vai analisar, nos diferentes capítulos do referido livro, os exemplos oferecidos pelas pesquisas etnológicas realizadas em diferentes regiões do Brasil. Apoiando-se em autores, tais como Claude Lévi-Strauss, Néstor Canclini, Franz Boas, Pierre Bourdieu, avança os pressupostos básicos do objeto de arte, que de seu ponto de vista se ancorariam no domínio técnico da matéria-prima, ao qual se agregaria a existência de um estilo, de uma intenção estética. A respeito deste último aspecto, a autora enfatiza que a linha demarcatória entre o objeto técnico e o objeto estético depende da intenção do produtor. Menciona, embora brevemente, uma metodologia para a pesquisa – outra ferramenta – do campo da arte entre os povos indígenas, “cuja decodificação só se torna possível através do profundo conhecimento da organização social, da cosmologia e outros aspectos da cultura aos quais a arte intimamente se vincula”, pressupostos que permanecem válidos até o presente.

Valendo-se de inúmeros exemplos etnográficos, sobretudo vinculados a povos indígenas amazônicos, Berta Ribeiro aborda diferentes temas no capítulo intitulado “Arte como iconografia” do livro em pauta. Algumas das questões que levanta se conectam ao significado semântico de padrões ornamentais e de suas possíveis interpretações: geométrico/abstrato ou icônico/realista. Destaca que um mesmo padrão geralmente tem interpretações diferenciadas, dependendo da cultura à qual está vinculado. Apoiando-se na complexa cestaria kayabi, sugere a existência de categorias visuais, com expressão simbólica e função mnemônica, as quais configurariam um sistema que, ao correlacionar formas e significados, funcionaria como uma iconografia.

O tema da linguagem visual retorna, nas páginas do livro, quando Berta Ribeiro aprecia o tratamento do corpo: pintura corporal e adornos, pois estes funcionariam como uma marca de identificação étnica e como indicadores do gênero, faixa etária e condição social de um indivíduo. Evidenciariam o significado profundo de caracterização da pessoa e como esta refletiria o seu grau de socialização. Nesse sentido, a autora aponta para o fato de que um dos aspectos principais da concepção ameríndia sobre a corporalidade é a sua fabricação

social, envolvendo os pais e a comunidade e, portanto, não se trataria de uma entidade biológica que cresce de forma autônoma.

Retomando o campo da materialidade no item seguinte, Berta Ribeiro se propõe a discutir “não a homologia existente entre o rito e o mito, mas a fundamentação mítica de objetos rituais” (1989a, p. 103). Segundo destaca, estes artefatos estão imbuídos de significados simbólicos e mensagens que cabe ao etnólogo decodificar, o que seria feito de várias maneiras, por ela enumeradas. Ademais, fiel às suas concepções teóricas, a autora indica que os artefatos usados nos rituais proporcionam informações de caráter sociológico e mítico-religioso e, portanto, essa “linguagem visual ou iconográfica entranha um conteúdo semântico, estético e estilístico que expõe a cosmovisão tribal” (ibid., p. 113). Em outros termos, o que é pontuado é o fato de que a atividade ritual, a partir de seus conteúdos simbólicos e estéticos, conforma e comunica uma identidade pessoal, social e étnica do indivíduo que se expressaria como uma linguagem. Trata-se do cerne do pensamento de Berta Ribeiro a respeito do que identifica como “arte indígena”, cuja caracterização é detalhada enquanto uma recapitulação e, assim, enumera nove diferentes aspectos para, enfim, concluir que eles conferem um “caráter de linguagem visual e de sistema de comunicação social às manifestações artísticas tribais em quase todos os domínios de expressão estética” (ibid., p. 120-121).

No livro *Arte indígena, linguagem visual*, este item é extremamente bem documentado, pois se apoia em suas pesquisas, no Alto Rio Negro, entre os Desana. Berta descreve e analisa em profundidade vários objetos rituais, tais como o banco, o porta-cigarros, o escudo, o murucu-maracá, as máscaras de entrecasca de tururi, pois cada um destes objetos, na cultura dos povos indígenas de língua tukano, figura no tempo presente e em um tempo mítico. Para os povos do Rio Negro, trata-se de bens que foram transmitidos por uma entidade ancestral a quem eles devem sua própria origem.

A trajetória intelectual de Berta Ribeiro deve comportar a menção, por mais breve que seja, de seus estudos no noroeste do Amazonas. Em diferentes épocas, pesquisou os trançados de arumã e de outras plantas, a variedade de formas e técnicas de objetos materiais, o seu uso e a sua função na economia da mandioca e da pesca, em comunidades dos Tukano e Desana do Alto Rio Negro. Entre estes últimos, teve como interlocutores privilegiados, Luiz Gomes Lana, seu pai, Firmiano Arantes Lana, e seu primo, Feliciano Lana. Seguindo o caminho do padre Casemiro Beksta, incentivou-os a redigir e a ilustrar os mitos que recontavam e que foram apresentados no livro *Antes o mundo não existia. Mitologia dos antigos Desana-Kèhíripõrã* (Pãrökumu e Kènhíri 1980) e no artigo “Chuvas e constelações. Calendário econômico Desana” (Ribeiro e Kènhíri 1987). Uma edição ampliada do livro surgiu em 1995 inaugurando a coleção “Narradores indígenas do Rio Negro”, destinada aos povos indígenas dessa região (Pãrökumu e Kènhíri 1995).

Nas pesquisas realizadas no Alto Rio Negro, Berta Ribeiro observava e colocava em prática um tipo de relação caracterizada por estreita colaboração com os conhecedores indígenas, o que não era uma prática corrente na época. O livro sobre a mitologia desana constitui uma obra pioneira da etnologia brasileira, pois ao se dedicar a trabalhos colaborativos, a antropóloga dialogou, no passado, com referenciais da antropologia contemporânea e, assim, conferiu a autoria do livro aos narradores e ilustradores indígenas e não a si mesma. Esta decisão decorre das convicções que Berta tinha a respeito da autonomia dos povos indígenas, o que, para ela, incluía tanto a autodeterminação como a manutenção de práticas culturais distintivas.

O último livro que Berta Ribeiro publicou remete inteiramente às suas pesquisas no noroeste do Amazonas. Intitulado *Os índios das águas pretas. Modo de produção e equipamento produtivo* (1995), ele destaca a criatividade das culturas indígenas do Alto Rio Negro e ressalta a riqueza dos saberes e das práticas referentes ao manejo do meio ambiente, florestal ou cultivado além da satisfação de necessidades básicas da vida cotidiana. Para tanto, a autora emprega o conceito de produção, levando em conta a articulação entre os meios – recursos e técnicas – e as relações de produção. O texto contém reflexões sobre o saber ecológico indígena, como praticado no Rio Negro, caracterizado pelo domínio dos mecanismos de reprodução de plantas e animais, assim como para a elaboração de conhecimentos de preservação e como um possível legado para as culturas urbanas. Neste sentido, o livro contribui na busca de soluções alternativas para a resolução de problemas ecológicos, especialmente agudos no presente século, como será destacado no item a seguir.

### **Reflexões possíveis: uma ecologia humana na Amazônia**

Os trabalhos de Berta Ribeiro sobre a adaptabilidade humana entre os povos indígenas, em especial aqueles que tratam dos recursos de fauna e flora nos trópicos úmidos, destacam como esses conhecimentos podem ser empregados para a melhoria da vida em sociedade e na preservação ambiental. Estes são temas relevantes para a Antropologia Ecológica, surgida entre as décadas de 1950 e 1970 nos EUA a partir dos estudos de Julian Steward e Leslie White.

Caroline Negherbon (2020) analisou o desenvolvimento regional e o pensamento social brasileiro, com ênfase nas contribuições de mulheres intelectuais. No caso de Berta Ribeiro, enfoca especialmente um conjunto de suas obras que abordam o conceito de desenvolvimento regional, a saber: *O índio na cultura brasileira* (1987); *Dicionário do artesanato indígena* (1988); “Os índios do Rio Tiquiê (AM) e o Projeto Calha Norte” (1989b); *Amazônia urgente. Cinco séculos de história e ecologia* (1990); “Ao vencedor, as batatas!” (1992); *Os índios das águas pretas. Modos de produção e equipamento produtivo* (1995). A autora conclui que a contribuição da antropóloga foi destacar como

os saberes indígenas podem contribuir para se pensarem modelos alternativos de desenvolvimento, ecologicamente válidos e socialmente responsáveis.

Berta Ribeiro tinha um profundo interesse pela ecologia. Seu livro *Amazônia urgente. Cinco séculos de história e ecologias*, de 1990, que é ao mesmo tempo um guia da exposição homônima, montada na estação de metrô do Largo da Carioca, no Rio de Janeiro, tornou visíveis a história e o drama da floresta amazônica e de seus habitantes, os povos indígenas e as comunidades tradicionais. O livro coloca em questão o progresso, ou um progresso que se alastra e que não responde às expectativas dos povos indígenas. Utilizando uma abordagem interdisciplinar, integra a geociência, a biologia, a antropologia e a história, aventando alternativas de manejo sustentável para a Amazônia. Para Berta, essa multidisciplinaridade permitia fazer dialogar com os componentes físicos, os fatores históricos, os ingredientes políticos e os estímulos econômicos subjacentes aos modelos de exploração antiga e atual – na época – bem como o custo social e ambiental que acarretaram.

A exposição “Amazônia Urgente”, elaborada em parceria com o Museu Pedagógico do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (Museu do Inep) e o Museu Paraense Emílio Goeldi, teve o projeto conceitual, os textos e a iconografia cuidadosamente concebidos por Berta Ribeiro. O principal objetivo era a divulgação científica a respeito dos biomas amazônicos, contextualizados a partir da história local e de um diagnóstico pormenorizado. O resultado de sua análise multidisciplinar destinava-se a motivar a reflexão não apenas de empresários e dirigentes governamentais, mas de amplos setores da opinião pública, para que não se repetisse a tradicional incúria com que foram e continuam sendo tratados os ecossistemas amazônicos e os seus habitantes indígenas.

O manejo dos vegetais e o saber etnobotânico dos povos indígenas são especialmente detalhados em um artigo que Berta Ribeiro intitula “Ao vencedor, as batatas!” (1992). O texto faz referência aos conhecimentos de povos indígenas acerca da flora e dos usos das plantas, incluindo as que são destinadas à alimentação, como frutas, raízes e vegetais diversos, e as plantas medicinais, alucinógenas, fibras têxteis, plantas tintoriais, como o anil, incluindo menção às plantas de uso industrial, como a seringueira.

A partir destas e de outras referências, é possível conectar as assertivas de Berta Ribeiro, formuladas no século passado, aos estudos antropológicos contemporâneos, relacionados à vida vegetal. Constata-se, então, que de vários trabalhos da autora emerge a latente compreensão de que certos “processos do desenvolvimento humano oferecem hipóteses para pensar o modelo de vida a partir e com as plantas”, como preconiza um dos artigos da coletânea *Vozes vegetais* (Shiratori 2020, p. 6).

As manifestações explícitas que revelavam a influência indígena na cultura nacional também despertaram o interesse de Berta Ribeiro. Descreveu os modos de produção e de transferência de técnicas adaptativas que incluem os modos



de fazer, as instituições, os conhecimentos e as crenças, que seriam resultantes do contato interétnico e da miscigenação. Estes aspectos são apresentados em “Nossa herança indígena”, incluído no volume *O índio na história do Brasil* (1983a), e no livro *O índio na cultura brasileira* (1987). No prefácio, a autora sinaliza que enfatizou o legado indígena naquilo que considera como “decisivo, primordial e permanente: o respeito, o amor e a humanização da natureza como fonte de recursos”. Esta perspectiva se evidencia na primeira parte, subdividida em “A natureza humanizada”, dedicado à etnobotânica, e a “A natureza domada”, à etnozologia.

Na obra de Berta Ribeiro, a ecologia é sempre destacada e, assim, observamos o imenso interesse pelas técnicas agrícolas, que na Amazônia dão ênfase à cultura de tubérculos, como mandioca e batata-doce. Há uma intensificação da agricultura com uma abordagem da prática da “lavoura múltipla” (1987) e o maior uso de tecnologias apoiadas em ferramentas e no domínio da terra e das águas dos rios e das chuvas. Para Berta, o desafio imposto pela floresta tropical consiste na necessidade de torná-la mais produtiva, sem destruir a diversidade e a infinidade de formas de vida existentes. Antecipando os debates atuais referentes à conservação da biodiversidade florestal, a obra *Amazônia urgente* mostra o quanto os saberes dos povos indígenas têm muito a nos ensinar sobre a sustentabilidade, o convívio com o meio ambiente e o respeito à natureza. Estes aspectos dialogam com o desafio que se coloca na atualidade, que é representado pelo pensar a floresta amazônica como um *nexus* de relações materiais e imateriais, entre uma infinidade de formas de vida, além de assegurar as condições materiais de seus habitantes.

### **Reflexões finais: contribuições para os debates antropológicos contemporâneos**

Darcy e Berta Ribeiro foram parceiros em viagens pelo mundo do conhecimento e da vida e, juntos ou individualmente, nos legaram uma obra vital para a compreensão da Amazônia. Ele, mais exuberante, com maior penetração na mídia, acabou ficando mais conhecido. A contribuição de Berta, no entanto, é de extrema importância e até mesmo mais significativa para algumas áreas. A antropóloga reuniu os conhecimentos mais avançados existentes na época sobre a floresta tropical e organizou a exposição “Amazônia urgente. Cinco séculos de história e ecologia”, que recebeu o Prêmio Nacional de Ecologia de 1989.

Nesse mesmo ano, publicou, em belíssima edição bilíngue, *Arte indígena, linguagem visual*, livro em que mostra como toda atividade indígena está impregnada de senso estético, exemplificando com a produção artística de muitos povos da Amazônia. Produziu o *Dicionário do artesanato indígena*, de grande valia para os pesquisadores, porque oferece informações práticas, necessárias para o manejo e o estudo dos objetos encontrados nas aldeias e recolhidos aos museus.



Fig. 4 – Berta Ribeiro, Retrato, s/d (foto do acervo pessoal de Berta e Darcy Ribeiro, acervo da Fundação Darcy Ribeiro)

A região do Alto Rio Negro foi visitada várias vezes e estudada com especial interesse e carinho por Berta Ribeiro. Ela reconheceu a importância da preservação da mitologia desana e, junto com o padre Casemiro Beksta, organizou a sua publicação, apresentando-nos dois intelectuais indígenas: Firmiano Arantes Lana e Luiz Gomes Lana.

É a autora, entre outros trabalhos, de *Diário do Xingu*, *Artes indígenas da Amazônia*, *O índio na cultura brasileira* e um sem-número de publicações em revistas especializadas, além de organizar outros tantos, cabendo destacar os três volumes da *Suma etnológica brasileira*.

Ao longo dos anos, Berta G. Ribeiro realizou pesquisas e estudos em diferentes campos do conhecimento: antropologia, museologia, arqueologia, etnobiologia, história, que resultaram em dezenas de artigos e em vários livros. Também selecionou, atualizou, reformulou os seus escritos, e de seu entrelaçamento deri-

varam-se outras obras significativas. Os trabalhos desta notável antropóloga propiciam conexões e fecundos diálogos com a antropologia contemporânea. Oferecem, assim, etnografias, reflexões e práticas inspiradoras que nos alcançam no presente, como as poucas páginas deste artigo procuraram destacar. \*

\* Manuscrit reçu en décembre 2022, accepté pour publication en mars 2023.

### Referências citadas

- BESSA FREIRE José Ribamar  
1997 “Darcy, Berta e a Amazônia”, in *Taquiprati* [em linha], blog, 25/02/1997, <https://www.taquiprati.com.br/cronica/357-darcy-bera-e-a-amazonia>, acesso em 15/05/2023.
- BOTELHO Emília Ulhoa  
2005 *Berta Gleiser Ribeiro (1924-1997): afinidade e autonomia*, dissertação de Mestrado em História, Universidade de Brasília, Brasília.
- CALLADO Ana Arruda  
2016 *Berta Ribeiro. Aos índios, com amor. Uma biografia*, Batel, Rio de Janeiro.

COELHO Vera Penteadó (org.)

1993 *Karl von den Steinen. Um Século de Antropologia no Xingu*, Editora USP, São Paulo.

CORRÊA Mariza

2003 *Antropólogas e antropologia*, Editora UFMG, Belo Horizonte.

GONÇALVES Marco Antonio

2000 “Contribuição de Berta Ribeiro à Antropologia Brasileira”, *Homenagem a Berta Ribeiro*, Fundação Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro.

HARTMANN Thekla

1988 “Apresentação”, in *Dicionário do artesanato indígena*, Editora Itatiaia/Editora USP, Belo Horizonte, p. 9.

LAGROU Els e Lúcia Hussak van VELTHEM

2018 “Artes indígenas: olhares cruzados”, *BIB*, 87, p. 133-156.

NASCIMENTO Fátima

2009 *A formação da coleção de indústria humana no Museu Nacional, século XIX*, tese de doutorado em Antropologia Social, PPGAS/Museu Nacional.

NEGHERBON Caroline L.

2020 *Contribuições de Ana Clara Torres Ribeiro, Berta Ribeiro e Vânia Bambirra para pensar o Brasil e o Desenvolvimento Regional*, dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau.

PĀRŌKUMU Umusĩ e Tōrāmũ KĒNHĪRI

1980 *Antes o mundo não existia. Mitologia dos antigos Desana-Kēhīripōrã*, Livraria Cultura Editora, São Paulo [1ª ed.].

1995 *Antes o mundo não existia. Mitologia dos antigos Desana-Kēhīripōrã*, UNIRT, São João Batista do Rio Tiquié/FOIRN, São Gabriel da Cachoeira [2ª ed.].

RIBEIRO Berta G.

1957 “Bases para uma classificação dos adornos plumários dos índios do Brasil”, *Arquivos Museu Nacional*, 43, p. 59-128.

1979 *Diário do Xingu*, Paz e Terra, Rio de Janeiro.

1980 *A civilização da palha. A arte do trançado dos índios no Brasil*, tese de doutorado em Antropologia social, FFLCH, Universidade de São Paulo.

1983a *O índio na história do Brasil*, Global editora, São Paulo.

1983b “Artesanato indígena: para que e para quem?”, in *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*, FUNARTE/INF/MEC, Rio de Janeiro, p. 11-48.

1983c “O índio brasileiro: Homo faber, Homo ludens”, in Berta G. Ribeiro, C.A. Moreira Neto, E. Hoonart, V. Petrucci, *A Itália e o Brasil Indígena*, Index Editora, Rio de Janeiro, p. 13-23.

1985 *A arte do trançado dos índios do Brasil. Um estudo taxonômico*, MPEG, Belém/INF, Rio de Janeiro.

1986a “Prefácio”, in Darcy Ribeiro (org.), *Suma etnológica brasileira*, vol. 2. *Tecnologia indígena*, Vozes/FINEP, Petrópolis, p. 11-14.

1986b “Prefácio”, in Darcy Ribeiro (org.), *Suma etnológica brasileira*, vol. 3. *Arte Índia*, Vozes/FINEP, Petrópolis, p. 29-64.

RIBEIRO Berta G.

- 1986c “A arte de trançar: dois macroestilos, dois modos de vida”, in Darcy Ribeiro (org.), *Suma etnológica brasileira*, vol. 2. *Tecnologia indígena*, Vozes/FINEP, Petrópolis, p. 283-313.
- 1986d “Introdução. A linguagem simbólica da cultura material”, in Darcy Ribeiro (org.), *Suma etnológica brasileira*, vol. 3. *Arte Índia*, Vozes/FINEP, Petrópolis, p. 15-27.
- 1986e *Museu do Índio de Brasília. Plano Diretor*, projeto, RioArte (Cadernos RioArte), Rio de Janeiro.
- 1987 *O índio na cultura brasileira*, Editora Revan, Rio de Janeiro.
- 1988 *Dicionário do artesanato indígena*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte/Editora USP, São Paulo.
- 1989a *Arte indígena, linguagem visual*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte/Editora USP, São Paulo.
- 1989b *Os índios do Rio Tiquiê (AM) e o projeto Calha Norte*, ms., GT “Política Indigenista”, XIII Encontro Anual da ANPOCS [23 a 27 de outubro de 1989, Caxambú, Minas Gerais].
- 1990 *Amazônia urgente. Cinco séculos de história e ecologia*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte.
- 1992 “Ao vencedor as batatas! Plantas ameríndias oferecidas à humanidade”, *Ciência Hoje*, 15 (86 “América. Conquista e colonização”), p. 111-114.
- 1995 *Os índios das águas pretas. Modo de produção e equipamento produtivo*, Companhia das Letras/Editora USP, São Paulo.
- 2007 “Prologo”, in Eduardo Cabral (coord.), *Memorial dos povos indígenas. Maloca Moderna*, Secretaria de Estado da Cultura do Distrito Federal, Brasília.

RIBEIRO Berta G. e Tōrāmū KĒNHĪRI

- 1987 “Chuvas e Constelações. Calendário econômico Desana”, *Ciência Hoje*, 36, p. 26-35.

RIBEIRO Darcy

- 1950 *Religião e mitologia Kadiwéu*, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Rio de Janeiro.
- 1970 *Os índios e a civilização*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- 2012 *Confissões*, Companhia das Letras, São Paulo.

RIBEIRO Darcy (org.)

- 1986a *Suma etnológica brasileira*, vol. 1. *Etnobiologia*, Vozes/FINEP, Petrópolis.
- 1986b *Suma etnológica brasileira*, vol. 2. *Tecnologia Indígena*, Vozes/FINEP, Petrópolis.
- 1986c *Suma Etnológica Brasileira*, vol. 3. *Arte Índia*, Vozes/FINEP, Petrópolis.

RIBEIRO Darcy e Berta G. RIBEIRO

- 1957 *Arte plumária dos índios Kaapor*, Gráfica Seikel, Rio de Janeiro.

SHIRATORI Karen

- 2020 “Vegetalidade humana e o medo do olhar feminino”, in Joana Cabral de Oliveira, Marta Rosa Amoroso, Ana Gabriela Morim de Lima, Karen Shiratori, Stelio Marras e Laure Emperaire (orgs.), *Vozes Vegetais. Diversidade, resistências e histórias da floresta*, Ubu editora, São Paulo, p. 228-244.

STEWART Julian H.

1948 *Handbook of South American Indians*, vol. 4. *The Circum-Caribbean Tribes*, Smithsonian Institution, Washington (DC).

1949 *Handbook of South American Indians*, vol. 5. *The Comparative Ethnology of South American Tribes*, Smithsonian Institution, Washington (DC).

VELTHEM Lúcia Hussak van

1998a “Berta Gleizer Ribeiro (1924-1997)”, *Anuário Antropológico*, 22, p. 365-372.

1998b “Cultura indígena perde uma de suas grandes pesquisadoras”, *Parabólicas*, 36, p. 12.

VELTHEM Lúcia Hussak van, Katia KUKAWKA e Lydie JOANNY

2017 “Museus, coleções etnográficas e a busca do diálogo intercultural”, *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Cienc. Hum. Belém, 12 (3, Dossiê “Patrimônio indígena e coleções etnográficas”), p. 735-748.

VIANA Rachel (org.)

2009 *Cadernos Fazimentos*, vol. 7. *Berta G. Ribeiro*, Fundação Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro.